



CONSIDERAÇÕES DE UMA ESTÁGIARIA A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DOCENTE NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Judcely Nytyeska de Macedo Oliveira Silva (1)

Universidade Federal de Campina Grande – ufgc.juudy@gmail.com

RESUMO: Este relato apresenta o desenvolvimento de uma estagiária na disciplina de estágio supervisionado II, realizado nas turmas do fundamental II, no período de quatro meses, entre maio e agosto de 2017, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Felipe Rodrigues de Lima, localizada no município de Baraúna PB, como disciplina avaliativa obrigatória do Curso de Licenciatura em Matemática do Centro de Educação e Saúde da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG/CES). Este relato de experiência é composto de referências teóricas que norteiam a disciplina de estágio e memorial de observações e reflexões do período de regência em sala de aula. Consideramos que os relatos possibilitam reflexões importantes para a aprendizagem do futuro docente.

Palavras chave: Estágio supervisionado, Formação de professores, Regência, Relato de experiência.

INTRODUÇÃO

Os cursos de licenciatura têm como obrigatória a realização do estágio supervisionado. Normalmente é concentrado nos últimos semestres dos cursos. O estágio deve considerar a formação do professor capaz de atender às necessidades de uma realidade que se faz inovação a cada dia.

Há duas concepções de estágio dominantes na formação docente no Brasil. A primeira denominada de “imitação de modelos” onde o aluno deveria, no momento do estágio, observar e anotar o modelo de dar aulas transmitidas pelo professor de estágio, e posteriormente, imitá-lo. A segunda concepção de estágio é a da “Instrumentalização técnica da prática docente”. Nesse modelo de formação e estágio, o fazer, a técnica e a instrumentalização da ação na sala de aula. Nessa perspectiva, a atividade do estágio fica reduzida à hora da prática. (PIMENTA, 2008, p.7).

Segundo Pimenta (2008), o professor deverá desenvolver habilidades para uma prática reflexiva e mais abrangente de como agir dentro de sala de aula. É no estágio que o futuro professor poderá aplicar os ensinamentos adquiridos durante os semestres e no qual aplicará todo o seu potencial para desempenhar a profissão.

O estágio supervisionado é diferente das demais disciplinas práticas do curso, pois envolve a relação direta com a sala de aula e também com outros profissionais da área, além dos da universidade. Estes, trazem consigo diferentes experiências e conhecimentos que agregam a formação do professor.



Compreendemos que no início do estágio vivenciar a realidade da sala de aula não é fácil, é muito diferente dos estudos e discussões realizadas na universidade, mas é indispensável para a compreensão deste contexto e da formação docente.

A finalidade do estágio é a de propiciar ao aluno uma aproximação à realidade na qual atuará. Assim, o estágio se afasta da compreensão até então corrente, de que seria a parte prática do curso. Defendem uma nova postura, uma re-definição do estágio que deve caminhar para a reflexão, a partir da realidade. (Gonçalves, 1990, p.13.)

O docente necessita conhecer bem a realidade que vai atuar, assim como a sociedade. Assim, cabe ao professor conhecer os alunos, suas ideias, concepções, histórias e culturas. A atividade de estágio não pode ficar “reduzida à hora da prática, ao como fazer, às técnicas a ser empregadas em sala de aula, ao desenvolvimento de habilidades específicas do manejo de classe, ao preenchimento de fichas de observação, diagramas, fluxogramas” (PIMENTA; LIMA, 2004, p.9).

As ações políticas que denominam a formação do educador devem ser mais abrangentes. É importante perceber qual aspecto os docentes estão sendo formados, é preciso discutir o processo de formação, em especialmente o estágio supervisionado.

No estágio dos cursos de formação de professores, compete possibilitar que os futuros professores compreendam a complexidade das práticas institucionais e das ações aí praticadas por seus profissionais como alternativa no preparo para sua inserção profissional. (PIMENTA, 2004, p.43)

Segundo Pimenta (2004), é preciso favorecer ao educador realizar uma boa prática nas suas observações, mas que esteja relacionado ao ensinamento, aproximando-se da realidade do aluno, que é componente fundamental para o processo da educação.

No cotidiano escolar, o estagiário encontra-se com inúmeras situações e desenvolve capacidade para enfrentá-las. Essa capacidade lhe envolve, dentre diversas coisas, tomar decisões, selecionar informações, distinguir problemas, chegar à resoluções, entre outras coisas.

Na instituição escolar, o estágio pode e necessita potencializar essa capacidade. Assim,

O estágio não pode ser encarado como uma tarefa burocrática a ser cumprida formalmente... Deve, sim, assumir a sua função prática, revisada numa dimensão mais dinâmica, profissional, produtora, de troca de serviços e de possibilidades de abertura para mudanças (KULCSAR, 1994, p.4).



Para tanto, é imprescindível que no decorrer de seu estágio o profissional possa solidificar e ampliar os conhecimentos adquiridos ao longo do curso de Licenciatura. Neste sentido, é preciso que critérios sejam estabelecidos, reflexões promovidas e singularidades respeitadas e compreendidas.

METODOLOGIA

Este relato foi desenvolvido a partir das experiências da disciplina de Estágio Supervisionado II, disciplina obrigatória no Curso de Licenciatura em Matemática do Centro de Educação e Saúde da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG/CES). O estágio ocorreu nos meses de maio a agosto de 2017, as aulas de regências foram realizadas na escola E.E.E.M. Prefeita Severino Pereira Gomes, localizada na cidade de Baraúna- PB, com a orientação da professora da disciplina Jaqueline Lixandrão Santos e supervisionado pela professora de matemática da instituição, Lourani Celeste. O estágio de regência foi desenvolvido com as turmas do fundamental II de 6º ano ao 9º ano, sendo no total de sete turmas. Para o desenvolvimento das aulas durante o estágio foi realizado planos de aula semanais e anotações da estagiária sobre o andamento das aulas.

A disciplina tem como objetivo geral: compreender a experiência docente da realidade de sua área de formação através do estágio de regência, aproximando-o ao auxílio de diferentes ensinamentos que regem o estágio supervisionado. E, **específico neste relato**, compreender as aprendizagens e reflexões produzidas por uma estagiária do curso de licenciatura em Matemática que atuou na Escola Municipal de Ensino Fundamental Felipe Rodrigues de Lima.

Nesse sentido, compreendemos que o estágio contribui para o desenvolvimento da aprendizagem do futuro diante do trabalho em sala de aula e também, pode indicar/influenciar caminhos para estudos e atuações.

A EXPERIÊNCIA DOCENTE

A disciplina de Estágio Supervisionado II no curso de Matemática no Centro de Educação e Saúde (CES) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), *campus* Cuité/PB contém uma carga horária de 135 horas, sendo 30 horas em aulas na Universidade e 105 horas em atividades de regências em classes dos anos finais do Ensino Fundamental. Este período a disciplina foi ministrada pela professora Jaqueline Lixandrão Santos (professora



orientadora de estágio) e realizei¹ o estágio de regência na Escola Municipal de Ensino Fundamental “Felipe Rodrigues de Lima”, na cidade de Baraúna/PB, o qual foi supervisionado pela professora Lourani Celeste (professora supervisora). O estágio ocorreu no período de maio a agosto de 2017.

Nas aulas da universidade foram realizadas leituras, discussões, reflexões e compartilhamento das experiências que os estagiários vivenciavam. Todas as aulas eram muito proveitosas porque a professora orientadora da disciplina sempre mostrava a importância de compartilharmos nossas dificuldades, angústias e êxito com os colegas, pois cada turma e escola trás a sua identidade e, devemos compreendê-la para desenvolver um trabalho significativo.

No proceder do estágio supervisionado fiquei com as turmas do 6º anos, 7ºanos, e 9ºanos. No total foram sete turmas, sendo que cada uma possuía aproximadamente 45 alunos que tinham em de 13 a 19 anos, eram de ambos os sexos e a maioria residia na zona urbana.

Nas aulas de regência, sempre ministrava de cinco a seis aulas por dia, das 13h às 17h15, cada aula tinha a duração de 50 minutos. No início das atividades do estágio supervisionado II, tive muitas inquietações, questionamentos: quais conteúdos eu vou desenvolver? O que os alunos já aprenderam? Quais as suas dificuldades e facilidades? Que conteúdos a professora da turma já havia trabalhado? Esses questionamentos foram sendo respondidos pela professora supervisora, assim como estudos e pesquisas orientados pela professora orientadora. Assim, planejei semanalmente as aulas que ministrei e procurei concretizar um trabalho que considerasse a realidade dos alunos, mas que, no entanto, pudesse ajudá-los na aprendizagem.

No primeiro dia em sala de aula a professora supervisora, que era a professora de Matemática da turma, me apresentou para os alunos e depois me deu a oportunidade de falar um pouco com as turmas, estabelecer um vínculo com eles. Esse momento significou um desafio grande para mim, nunca tinha lecionado antes, tudo naquele momento era novo para mim, me sentir não como uma estagiária, mas como professora.

Surgiram desafios que contribuiu para que eu aprendesse a me posicionar diante das turmas, percebi que elas eram diferentes, precisei estabelecer determinados combinados, “regrinhas de convivências”. Isso ajudou bastante o trabalho em sala de aula e a convivência com os alunos também.

¹ Em alguns trechos do texto, o apresentaremos na primeira pessoa do singular por se tratar de relatos e experiências vividas apenas pela estagiária, primeira autora deste trabalho.



Aproveitei as primeiras aulas também para fazer uma revisão sobre: “Plano Cartesiano” no 9º ano, planejei iniciar a aula com um breve fator histórico sobre o surgimento do plano cartesiano. Procurei mostrar para eles como era importante sabermos como se originou o plano cartesiano. Depois discutimos o conteúdo e realizamos algumas atividades. De maneira semelhante, no 7º ano inicie com um texto que trazia um breve histórico do surgimento dos múltiplos e divisores e utilizei o livro didático para estudos e realização de atividades. Por fim, no 6º ano, também inicie com um breve histórico do surgimento dos múltiplos e após, expliquei alguns conceitos e iniciamos as atividades.

Assim, no decorrer dos dias fomos estudando vários conteúdos, que apresento no seguinte quadro.

Quadro 1. Conteúdos desenvolvidos

CONTEÚDOS		
6º ANO	7º ANO	9º ANO
<ul style="list-style-type: none">• Múltiplos de divisores de um número natural;• Números primos;• Fatoração;• MMC e MDC entre dois números naturais;• Estudo das Frações.	<ul style="list-style-type: none">• Múltiplos e Divisores;• MMC e MDC entre dois números naturais;• Aplicação de divisibilidade;• Potenciação e números inteiros;• Raiz quadrada;• Multiplicações de Frações;• Multiplicação de números inteiros;• Figuras Geométricas	<ul style="list-style-type: none">• Plano Cartesiano;• Descritores;• Radiação;• Trigonometria.

Fonte: Autoria própria.

De maneira semelhante à mencionada, desenvolvi com os alunos os conteúdos apresentados no quadro, utilizei como apoio os livros didáticos de matemática do ano de 2017 e outros de anos anteriores, pois achei que o livro do ano, disponibilizado pela instituição, não apresentava o conteúdo detalhadamente, na maioria das vezes apenas aplicações de exercício. Também utilizei sites da Internet para estudo e



elaboração de aulas. Busquei em minhas aulas fazer relações dos conteúdos estudados com o dia a dia dos próprios alunos, também tentava envolvê-los nas aulas, pedia que apresentassem seus conhecimentos.

Tive dificuldades quanto ao tempo planejado para o desenvolvimento das atividades e o tempo que realmente tinha disponível. Muitas vezes os alunos chegavam agitados e/ou atrasados do intervalo e eu precisava de tempo para organizar a sala, não conseguia desenvolver o trabalho de imediato.

Normalmente, as aulas aconteciam da seguinte forma: depois que os alunos estavam organizados eu retomava os conteúdos da aula anterior, dava e finalizava alguma explicação, realizávamos as atividades do livro. Neste momento, eu dava a oportunidade aos alunos para responderem as questões propostas, permitia sempre que um ajudasse o outro, que se organizassem em duplas ou trios.

No momento da correção de exercícios, o que mais me chamou a atenção nas respostas era que os alunos dos 6º e 7º anos cometiam muitos erros em situações que envolviam as operações básicas: multiplicação, divisão, subtração e até mesmo adição. Fiquei surpresa, pois essas operações são bastante estudadas nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Com isso, decidi durante às aulas trazer situações que envolviam as operações básicas, a tabuada e problemas simples.

Percebi que alguns alunos melhoraram a partir desses estudos, talvez errassem por esquecimento ou mesmo, vergonha de perguntar por parecer algo óbvio no nível de escolaridade que se encontram.

Nesses e em outros momentos, a importância do estágio na formação do docente, constatei que o estágio supervisionado nos permite reflexões sobre nosso comportamento e dos demais indivíduos envolvidos. Tive a chance de avaliar a sala de aula, percebi que muitos alunos são agitados, mas também não é fácil para o professor ter “jogo de cintura” com tantos alunos e exigências que são impostas, como desenvolvimento dos conteúdos, metas de aprendizagem, etc. Percebi que cada aluno tem o potencial, mesmo demonstrando pouco interesse pela disciplina de matemática, reclamarem e falarem que não gostam da disciplina. Tentei no dia a dia, ter uma boa relação com eles, pois percebi que se envolviam mais.

Houve momentos que me desanimei, pois havia alguns alunos com comportamentos difíceis e eu ficava pensando “planejei a aula com tanto carinho e eles não estão nem aí para o que estou falando”. Não foram fáceis esses momentos, mas levei como experiência construtiva que o diálogo é a melhor maneira de



resolver os problemas em sala de aula. Em diversas aulas saía rouca, como eram muitos alunos e eles se agitavam, para ser ouvida tinha que falar alto. Isso é um problema na profissão docente, muitos professores desenvolvem problemas nas cordas vocais ao longo dos anos de trabalho. De maneira geral, consegui trabalhar as atividades que planejava.

A professora supervisora sempre acompanhava nas aulas, dizia para os alunos que a professora naquele momento seria eu. Ela sempre ficava sentada nas carteiras atrás dos alunos observando a aula e quando algum aluno atrapalhava o andamento da aula, pedia licença para conversar com ele, como conhecia os alunos e era docente há certo tempo, sabia como lidar com essas situações. Porém, no dia a dia, ela me dava autonomia para resolver essas intercorrências. Achei interessante vivenciar situações reais de sala de aula, apenas imaginava de como seriam.

Além do relatado, o estágio me proporcionou observações e reflexões a cerca do trabalho docente, algumas negativas e outras positivas, que são:

- Negativas: dificuldade em desenvolver trabalho educativo quando a família não é presente ou se preocupa com a vida escolar do filho ou o professor é pouco valorizado no contexto escolar; a “pressão” recebida dos gestores da instituição por busca de números (resultados); falta de autonomia para desenvolver trabalho com metodologia diferenciada; desenvolver boa aula tendo carência livros e materiais didáticos de qualidade; falta de tempo para planejamento de aulas, entre outros;
- Positivas: inserir o futuro docente na realidade escolar; possibilitar que o estagiário estabeleça relação entre a teoria e a prática, instigar a capacidade criativa e o senso crítico do futuro docente; estimular a reflexão da própria prática para o aperfeiçoamento pessoal; etc.

Diante da realidade vivenciada no estágio, das observações e considerações apresentadas, o ponto que considerei muito importante para eu ministrar as aulas com autonomia e segurança foi à realização do planejamento. Tinha que pensar sobre o que já sabiam? O que precisavam saber? Como fazer com que eles aprendessem? Por que estão cometendo determinados erros? Como avaliar se compreenderam o que planejei? Eram muitos questionamentos que me vinham em mente no momento de planejar. Além disso, não podia alterar o planejamento anual da professora, como fazer isso em tempo hábil e de maneira significativa?

Necessitamos refletir para o que convém o planejamento, o que se planeja e como se planeja. Segundo Souza (2011), “Para construir um



planejamento faz necessário o que se deseja fazer, por quem e para quem? Quais os objetivos? Que meio e estratégia poderão ser utilizados para alcançar tais objetivos? Como avaliar se os resultados estão sendo alcançados?”.

Por fim, percebi a importância em trabalhar com atividades lúdicas, criativas e inovadoras, pois os indivíduos não nascem prontos, vão se desenvolvendo a partir da interação com os outros.

Assim, quando encerrei o estágio, me despedi da professora supervisora, agradei a confiança, afinal, cedeu as suas turmas para eu ministrar as aulas; pela colaboração e conhecimento que compartilhou comigo nesse período de estágio. Agradei aos alunos também, pois também aprendi com e por eles.

CONCLUSÃO

A experiência no estágio supervisionado consiste em compreender o choque entre teoria e a prática, visto que os estudos nos cursos de licenciatura em matemática não contemplam as singularidades das turmas e escolas. A regência na disciplina de estágio é a primeira experiência em sala de aula do professor, elas podem trazer impressões positivas e negativas. Os momentos de discussões entre o professor orientador e estagiários são importantes para que essas impressões sejam analisadas, compreendidas e que ações sejam desenvolvidas para minimizar angústias e resolver problemas.

Estar em contato com o cotidiano do aluno possibilita ao estagiário refletir sobre os conhecimentos que são importantes para os alunos, inclusive os matemáticos, e quais as implicações destes, para a formação do ser humano e de sua cidadania.

Relatar suas experiências é uma maneira do estagiário refletir sobre suas ações, trazer suas impressões a cerca do cotidiano escolar, mostrar para os demais que as experiências nas diferentes escolas podem ser semelhantes, ou não. Pode ainda, contribuir para que ele perceba o seu papel neste contexto e que se funde com os demais protagonistas no processo de ensino e aprendizagem.

REFRÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GONÇALVES, C. L; PIMENTA, S.G. **Revedo o ensino de 2º grau, propondo a formação do professor**. São Paulo: Cortez, 1990.



COPRECIS
CONGRESSO NACIONAL DE
PRÁTICAS EDUCATIVAS

KULCSAR, Rosa. **O Estágio Supervisionado como Atividade Integradora**. In PICONEZ, Stela C. B. (org.) A Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado. 2ª edição. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

PIMENTA, Selma Garrido. (2008). **Estágio e docência**. 3. Ed. Cortez São Paulo.

PIMENTA, Selma G. LIMA, Maria Socorro L. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez Editora. 2004.

SOUZA, Juliana Rodrigues. **Relatório de estágio supervisionado em historia: experiências de sala de aula**. Guarabira: UEPB, 2011.